apem NEWS LETTER

junho • julho 2013

Carta aos sócios
Uma coisa em forma de assim 2

Nós por cá
Notícias da APEM 3

Feito e dito
Ações de Formação. Lisboa e Alcobaça 6

Vozes da APEM
Isaías Ramos 8

Perguntámos a...
Paulo Bastos 10

De olhos postos
Música na escola – Pedro Oliveira
25 anos do Si que brade - Roberto Moritz
Bela Batuke - Elsa Mobilha 12

O que já se escreveu
Tradição e Inovação: O ensino musical a partir do universo sonoro – José Blanc de Portugal 16

Última 16

apem
associação portuguesa de educação musical

Carta aos sócios

Uma coisa em forma de assim*

São tempos difíceis estes em que vivemos e em que também as artes e a cultura na escola parecem estar, cada vez mais, colocadas à margem e numa situação problemática de empobrecimento. Quer para os professores quer para o desenvolvimento de uma formação que se quer rica e plurifacetada. E este empobrecimento manifesta-se de múltiplas formas, desde a "promoção do entretenimento de êxito fácil" à não promoção da educação artística e musical, esquecendo-se muitas vezes que "a saída da crise é pela cultura e pelo conhecimento, única forma de termos cidadãos com capacidade de compreender o mundo" (Público, 2, 27 de Janeiro de 2013, p. 40).

Ora, apesar do "descanto do mundo", de que fala Max Weber, "nem tudo o que se passou está perdido; nem tudo o que se perdeu é substituído; nem tudo o que não foi substituído é insubstituível" (Carl Gustav Jochmann, citado por António Guerreiro). Por isso, nestes tempos de burocratas, autocratas e burocracias indizíveis e bem presentes nos nossos quotidianos, em que longos anos têm cem dias; em que atrás dos tempos vêm tempos e outros tempos hão-de vir; em que se mudam os tempos e as vontades, o ser e a confiança; em que "todo o mundo é composto de mudança; tomando sempre novas qualidades"; "troquemos-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança" (José Mário Branco).

Troquemos-lhes as voltas porque "uma espuma de sal bateu-me no alto da cabeça,/nunca mais fui o mesmo,/passei por todos os mistérios simples, e agora estou tão humano: morro,/às vezes ressuscito para fazer uma surpresa a mim mesmo […]". E neste fim de ano letivo, em que o fim também se afigura como um início e reinício, um ressuscitar para fazermos uma surpresa a nós mesmos com "paixão: tirar,/pôr, mudar uma palavra, ou melhor: ficar certo/com a vírgula no meio da luz […]"(Herberto Helder).

Porque "esta coisa da música tem um poder que nem sequer controlamos... e aí reside o seu mistério máximo" (António Pinho Vargas); porque "a pulsão criadora, sendo livre, nascendo da liberdade, é modificadora no melhor e mais pleno sentido da condição humana" (Yvette Centeno, Público, 6 janeiro, 2013, p. 17); porque a educação artística e musical é uma dimensão fundamental em de todo este processo.

E se, como escrevi num outro texto, "educar é transformar", isto significa a existência de uma relação dinâmica que é portadora de uma tensão fundamental situada entre aquilo que já se conhece e o caminho para algo que ainda não se sabe muito bem o que será. Que ainda não está devidamente apropriado. E se isto pode criar algum desconforto inicial, e provoca, as artes e a educação artística, "[…] podem ser um instrumento importante no desenvolvimento desta tensão criativa, entre o que é e o que ainda não. Particularmente na criação de novos imaginários individuais e coletivos. Isto, porque entendo as artes e a música não só como modalidade de entretenimento, que o é, mas, sobretudo, como forma de interpelação do mundo. Dos mundos. Reais e imaginários...."

Contra ventos e marés.

António Ângelo Vasconcelos

*Título de um livro de Alexandre O'Neil

nós por cá

O movimento associativo e a atividade da APEM

O novo despacho da organização do ano letivo 2013/2014

Saiu o novo despacho da organização do ano letivo 2013/2014 - Despacho n.º7/2013 de 11 de junho, assim como as alterações ao mesmo, decorrentes do acordo com as organizações sindicais - Despacho n.º 7-A/ 2013 de 10 de julho.
Pode ser consultado aqui:
http://adduo.blogspot.pt/2013/07/publicada-alteracao-sobre-o-doal.html

Audiência da APEM na SEEBS

No dia 26 de junho a APEM foi recebida na Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário.

A APEM apresentou uma análise sobre as consequências da aplicação do Decreto-Lei nº139/2012 de 5 de julho e do Despacho nº7/2013 de 11 de junho. Destacámos os seguintes aspetos:

1. Acentuação da instabilidade do lugar da música no currículo do ensino básico que se traduz na prática por uma quase inexistência no 1º ciclo, por uma existência insuficiente no 2º ciclo e por uma possibilidade mínima de existência no 3º ciclo.

2. No 1º ciclo, apesar da Expressão Musical constar nos programas, o professor generalista, muitas vezes com fragilidades assumidas na área da música, pressionado com as aprendizagens nas áreas do português e da matemática e pelos exames no final deste ciclo, dificilmente inclui a expressão musical na sua planificação semanal.

3. No quadro das Atividades de Enriquecimento Curricular, a diminuição do tempo disponível para o seu desenvolvimento, poderá traduzir-se, na prática, na redução da oferta do Ensino da Música.

4. No 2º ciclo, a existência da Educação Musical caminha para uma periferia acentuada, dado que a revisão curricular reduziu para mínimos o espaço semanal de música nos horários dos alunos (entre 45 e 90 minutos) aliado ao facto dos professores terem a seu cargo normalmente 11 ou mais turmas, comprometendo-se assim a qualidade do trabalho e a promoção de atividades de dinamização artística do espaço escolar.

5. No 3º ciclo, a Música deixou de existir no 9º ano e com a substituição no currículo do horário de Educação Tecnológica pela disciplina de TIC, a escola ficou extremamente condicionada pela gestão dos recursos humanos a que está obrigada e agora, e apenas nos 7º e 8º anos, a música não representa mais do que uma remota possibilidade de oferta de escola, disputando 45 minutos com as áreas artísticas e tecnológicas. Estes 45 minutos, agravados com a impossibilidade de desdobramento da turma, são um grave impedimento ao desenvolvimento de atividades de prática musical, que caracterizam a aprendizagem musical, com o mínimo de qualidade exigível.

nós por cá

Sendo a presença da música no currículo do ensino básico uma preocupação central da APEM e pretendendo contribuir para a melhoria da área da educação musical já no próximo ano letivo, a APEM propôs o seguinte:

- Os professores de música (grupos 250 e 610) podem e devem ser professores de música em todo o ensino básico;

- No 1º ciclo, a coadjuvação dos professores titulares na área da Expressão Musical, deve tornar-se uma prática generalizada, incluindo este tempo na componente letiva, sem as limitações previstas (Despacho n.7/2013 de 11 de junho);

- Nas atividades de enriquecimento curricular assegurar a permanência e desenvolvimento do Ensino da Música;

- No 2º ciclo, devem ser assegurados, no mínimo, 2 tempos para a disciplina de Educação Musical à semelhança do que foi definido para a Educação Visual;

- Seja feita uma explicitação clara por parte do MEC, junto das escolas, dos critérios para a elaboração dos horários dos professores dos grupos 250 e 610 permitindo a inclusão na componente letiva, das horas de coadjuvação no 1º ciclo, assim como a inclusão de projetos musicais que desenvolvam com alunos;

- Depois de definidas as necessidades docentes de Educação Musical, permitir aos diretores autonomia na distribuição da componente letiva, no sentido de possibilitar a adequação do perfil dos docentes ao tipo de trabalho a desenvolver na área da música em cada um dos ciclos de escolaridade, envolvendo os docentes nesta decisão e criando condições para uma maior e melhor eficiência educativa.

Pretendendo contribuir de uma forma mais abrangente para a melhoria do sistema educativo na área da educação musical, a APEM propôs como medidas prioritárias de ação, o seguinte:

- Elaboração do Plano Nacional da Música, onde seja objetivado, articulado e perspetivado o ensino da música nas suas várias vertentes, nomeadamente no ensino genérico básico e secundário, no ensino vocacional, no ensino profissional e no ensino superior. O primeiro objetivo do Plano Nacional da Música seria organizar a oferta pública da música na perspetiva de todas as crianças e jovens poderem ter acesso à música e práticas artísticas e musicais na sua educação básica;

- Revisão e atualização das habilitações para o ensino da música e da relação dos cursos para os grupos de recrutamento 250 e 610;

- Criação e disponibilização de recursos musicais e pedagógicos para o ensino da música na educação pré-escolar e no ensino básico: Projeto Cantar Mais – música para todos.

nós por cá

Projeto Cantar Mais - música para todos

Desde maio de 2013 a APEM e o MEC/DGE têm vindo a apresentar o projeto "Cantar Mais – música para todos" a várias entidades, possíveis parceiras: A Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação EDP, o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e a Câmara Municipal de Lisboa. Nestas apresentações ficou expresso por todas estas entidades, sem exceções, não só o reconhecimento do valor e da pertinência do Projeto "Cantar Mais – música para todos" nas suas várias vertentes como também a vontade de apoiar a sua implementação, desenvolvimento e sustentabilidade.
A APEM vai continuar a trabalhar no Projeto Cantar Mais - Música para todos e a desenvolver todas as diligências para a angariação de apoios.

Há Música na Escola e fora da Escola

A APEM apoiou a atuação dos alunos da professora Lina Trindade Santos na Feira Internacional do Artesanato no passado dia 13 de julho. Os alunos do Projeto SIC Esperança da EBI de Bucelas e o Grupo de Percussões da Casa do Gaiato de Lisboa atuaram no Pavilhão 3 da FIA cheios de entusiasmo e motivação. Num agradecimento a todos os alunos a professora Lina Trindade Santos disse: "Um mês depois do final das aulas, compareceram às minhas chamadas e mantiveram-se na escola regularmente. Vocês são a prova viva da importância da Música na motivação e formação dos alunos".

feito e dito

Realizou-se no dia 5 de julho, em Alcobaça, numa parceria com a Academia de Música de Alcobaça, o workshop do Ciclo "Como se faz, p'ra fazer... Um musical com crianças?". Foi formador o professor e músico Victor Palma.

Ficou dito como aspetos mais positivos:

"Dar a conhecer como devemos organizar as etapas do processo de como fazer um musical".

"A pertinência do tema para a prática profissional".

"A interação entre formador e formandos bastante positiva".

"Muito material disponibilizado e ideias para inovar as aulas e a prática pedagógica".

"Forma clara e concreta de alcançar os objetivos".

"Criativo" e "A organização".

"A qualidade das obras e a capacidade musical do formador".

"A vertente prática do workshop e a forma simples como a informação foi transmitida".

"Motivação para realizar projetos semelhantes".

feito e dito

Realizou-se na sede da APEM, a ação de formação creditada de 15h "O professor de música e o uso da Voz: arte e técnica" pela formadora Ana Leonor Pereira.

Ficou dito como aspetos mais positivos:

"Aperfeiçoamento das práticas com vários exemplos e técnicas".

"A aquisição de conhecimentos técnico específicos para o tipos de voz e perceber como utilizá-lo para potenciar e ultrapassar as dificuldades vocais".

"O tema e o contributo para o aperfeiçoamento das práticas".

"Estratégias adequadas a cada formando".

"O privilégio de ter tido uma "personal training" da voz cantabile que ama o que faz com paixão".

vozes da apem

Isaías Ramos, sócio da APEM, professor de Educação Musical e professor de Ensino da Música nas Atividades de Enriquecimento Curricular relata-nos a sua experiência como professor e os seus projetos feitos e sonhados.

CANTAR NA ESCOLA

Sou originário duma família com tradições musicais. Bem cedo iniciei um reportório de canções originais cantadas especialmente com jovens. Foi uma sementeira que produziu bons frutos.
Com a licenciatura em Educação Musical tive um novo público-alvo: o escolar. Nos primeiros dez anos lecionei sempre em escolas diferentes devido ao sistema de contratações.

A partir de 2009/10 estive quatro anos consecutivos no Agrupamento de Escolas Campo Aberto, Póvoa de Varzim (dois anos na EB 2,3 e dois no primeiro ciclo de Amorim e Beiriz).
O primeiro ano foi musicalmente muito intenso. As minhas canções ouviam-se um pouco por todo o lado. A Diretora, Luísa Tavares Moreira, no final do ano letivo, felicitou-me pessoalmente por isso, publicando também no seu blogue (Vox Nostra) o seguinte: "Parabéns Isaías, porque só há pouco descobri que eras o autor das letras e das músicas que os nossos alunos tocam e cantam".

No segundo ano, 2010/11, fiquei na mesma escola por mero acaso. Houve muitas mudanças. O projeto "Cantar na escola" que apresentei no ano anterior não foi ativado. O clube de coro deixou de ter condições de funcionamento. Outros programas foram reformulados. Parecia que cantar na escola era agora mais difícil.
Em Área de Projeto desenvolvia-se o tema "Charcos com vida", proposto pelo CIBIO da Universidade do Porto a propósito do Ano Internacional da Biodiversidade. Talvez fosse uma flor ou uma pedrada no charco!
Com a turma do 5ºD e o meu par pedagógico, a Inês Vilar de EVT, pesquisámos a vida nos charcos. Propusemos a criação de desenhos e poemas musicais alusivos a cada ser vivo investigado. Criei as músicas, ensaiei a turma, gravámos um disco. Publicámos o livro "Peixe de papel – canções da biodiversidade", contendo a componente artística da investigação e o Cd áudio com oito canções originais. Foi um trabalho caro, pago por mim, se o quis produzir. Fizemos alguns concertos na cidade e na FNAC do Norte Shopping. A imprensa local deu bastante relevo ao acontecimento, tal como alguns organismos ambientais, culturais e educativos.

No terceiro ano, 2011/2012, o impacto do meu trabalho não deixou ninguém indiferente. O coordenador do primeiro ciclo convidou-me para fazer um projeto semelhante na escola de Amorim. Só podia ser através das AEC, uma vez que as contratações ao segundo ciclo estavam praticamente esgotadas. Mais trabalho, menos salário. Pus mãos à obra. A escola começou a cantar intensamente as minhas canções, produzidas em contexto escolar. Apresentámos uma cantata de Natal com grande envolvimento da comunidade educativa. Entretanto, recebi um segundo convite, agora da Diretora do Agrupamento, para fazer outro projeto numa instituição particular. Ainda procurei conjugar os dois trabalhos, mas por falta de tempo tive de optar pelo primeiro, o da escola.

Depois de muito esforço o projeto concretizou-se. Publicámos o livro e cd áudio "Vimos até à escola", com doze canções originais, os desenhos, os poemas, as músicas. A orquestração foi do compositor António Ribeiro, o acompanhamento instrumental da Orquestra de Câmara da Branca dirigida pelo maestro Paulo Martins e a interpretação vocal do Coral Campo Aberto, nascido com este projeto. Os custos de produção foram enormes e voltei a assumir esse encargo porque mais uma vez as instituições que podiam ajudar puseram-se de fora. No entanto, ninguém pode apagar o entusiasmo dos nossos alunos e seus pais nos concertos fantásticos que realizámos, na obra escrita e gravada que deixámos para a posteridade.

No presente ano letivo, 2012/13, mudaram-me para o primeiro ciclo de Beiriz, via AEC. Os fios da meada foram cortados e por isso o terceiro projeto, estando preparado, não se realizou. Ficamos à espera de melhores dias.

perguntámos a ...

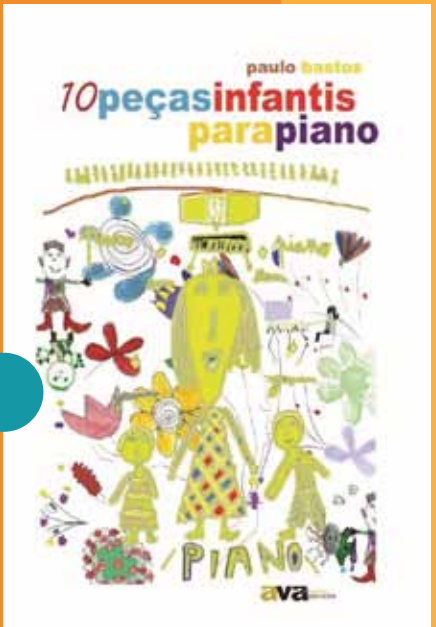
Paulo Bastos, ***compositor e também professor de composição na Escola Companhia da Música em Braga, com uma vasta obra publicada, responde-nos a questões relativas à composição para crianças, reflexão iniciada já na Mesa redonda do Encontro Nacional da APEM 2011 e com publicação na Revista de Educação Musical n.º 137.***

De que se fala quando falamos de música para crianças e jovens?

Penso que, quando nos referimos a música para crianças ou jovens, se fala necessariamente de música de alta qualidade. As crianças absorvem tudo o que se lhes dá e, por isso mesmo, é nestas faixas etárias que se deve investir na mais alta qualidade estético-musical. As crianças e os jovens não estão formatados para gostar de um certo tipo ou estilo de música, nem reagem à música com nenhum tipo de preconceito, e, como tal, acabam por conseguir, com relativa facilidade, ouvir música com algum grau de complexidade ou executar obras destinadas às suas características física e psicológicas sem problemas.

Porque é que um compositor escreve música para estas faixas etárias?

Um compositor escreve para estas faixas etárias, antes de mais, porque gosta, assim penso eu, que escrevo com bastante frequência música para a infância. Aqueles que não o fazem têm possivelmente um dos seguintes motivos: ou não escrevem música infantil porque não apreciam o subgénero, ou, simplesmente, porque não o conseguem fazer. *Zoltán Kodály* afirmava que ninguém deveria considerar-se demasiado importante para escrever para crianças, e que, pelo contrário, deveríamos tentar tornar-nos suficientemente bons para o fazer. Esta frase diz bastante do que é colocar um compositor a escrever para um universo musical sem limites, de histórias de encantar e desencantar, de sonhos bons e maus, de surpresas permanentes, etc.



Quais as principais questões de natureza técnica, artística/estética (ou outras) a que se pretende dar resposta?

Quando se escreve obras musicais com vista à execução por crianças é necessário colocar em equilíbrio dois aspectos fundamentais, por um lado alguma elementaridade técnica, obviamente ajustada à idade e desenvolvimento musical da criança ou jovem, por outro lado, um rigor estético sem qualquer margem de manobra ao facilitismo e à banalidade do déjà vu. Temos ainda uma situação complementar a esta que são as obras que direta ou indiretamente versam o mundo infantil sem, no entanto, serem música para crianças interpretarem. Evidentemente continuamos a falar de música para a infância, não na perspetiva de executantes, mas sim, na de ouvintes. Basta lembrarmo-nos do conto musical "Pedro e Lobo" de *Sergei Prokofiev* para percebermos ao que me refiro. É música para crianças, mas não é para estas a tocarem, serve essencialmente o propósito do usufruto de quem a recebe. Seja qual for o papel a que o compositor é sujeito, o de escrever música para crianças tocarem ou para as crianças receberem, de uma coisa estou certo: no sentido, puro e simples, do estético e do "belo musical", o compositor não deve ter limites quando se dedica à música para a infância, uma vez que para estas tudo pode ser válido e bom musicalmente. Para uma criança é igualmente interessante ouvir uma guitarra acústica a tocar uns acordes, um cluster num piano, um glissando numa harpa, o sussurrar de um coro, um rufar de tambor, e/ou, em alternativa, sobreposição ou alternância, uma ressonância amplificada de uma porta a bater com força, um som sintético, o barulho de um motor de um barco ou o som de uma corneta de plástico. A responsabilidade de fazer com que esta parafernália de "instrumentos musicais" se tornem música para a infância é sempre, em última análise, do compositor adulto, organizador da matéria e discurso sonoro, que, da melhor forma, tenta entrar no universo e imaginário ilimitado do ouvir dos mais pequenos. As crianças só são mais pequenas do que os adultos, não têm, por serem crianças, um gosto diminuto quando comparado com os adultos.
Até pelo contrário...

de olhos postos...

Com Dinis e D. Isabel

Este registo fotográfico diz respeito à apresentação do musical "Com Dinis e D. Isabel" da autoria de José Carlos Godinho.

Foi apresentado a 31 de maio, 2013 na Feira Medieval de Alhos Vedros.
Ocorreram a este espetáculo milhares de pessoas, não só os familiares mas também a comunidade que espera e anseia ver e aplaudir a participação do Agrupamento de Escolas José Afonso - Alhos Vedros.
Este trabalho foi desenvolvido pelas turmas 5ºF, 6ºD e E e pelos professores, Helena Matias e Pedro Oliveira.

Pedro Oliveira Sócio nº 1746

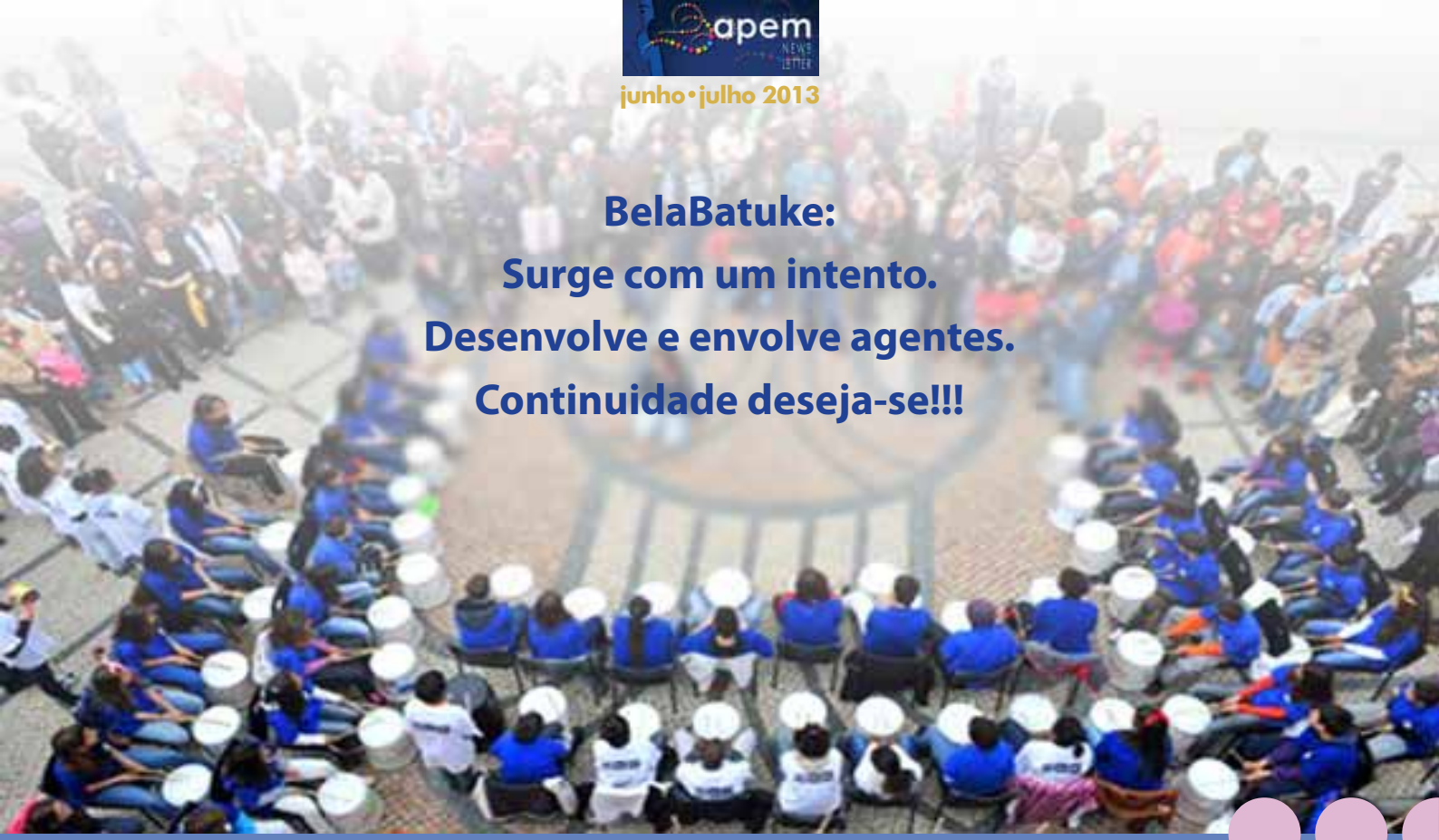
O Si Que Brade

Instrumentos Tradicionais Madeirenses

O Si Que Brade – Grupo de Música e Instrumentos Tradicionais da DRE/educação artística, inicialmente chamado "Tuna de Instrumentos de Corda Tradicionais Madeirenses".
Foi constituído no ano letivo de 1987/88, pela Secretaria Regional de Educação com o objetivo de estimular os jovens das Escolas da Região à aprendizagem dos Instrumentos Tradicionais Madeirenses.

Atualmente, o grupo é composto por 20 elementos com idades compreendidas entre os 12 e 29 anos.
O seu repertório incide predominantemente na área da música tradicional/popular madeirense, embora apresente temas populares nacionais e internacionais, assim como música erudita.

Pretendendo dar a conhecer as raízes culturais do Cancioneiro Madeirense e divulgar os instrumentos regionais, o grupo tem realizado vários concertos pela Madeira e continente português, tendo realizado cerca de 350 atuações.
A direção artística do Si Que Brade é da responsabilidade do Prof. Roberto Moritz.



BelaBatuke:
Surge com um intento.
Desenvolve e envolve agentes.
Continuidade deseja-se!!!

Assente no princípio de que "a educação visa o desenvolvimento da personalidade do indivíduo com vista ao seu aperfeiçoamento e à sua integração social" (cf. Lei de Bases do Sistema Educativo), bem como nas problemáticas identificadas no Projeto Educativo/TEIP da Escola Básica 2,3/S Bela Vista, surge BelaBatuke. É um Projeto de percussão em objetos sonoros que aborda as relações interpessoais, colateralmente com o ensino da música, incidindo na formação artístico-musical dos estudantes numa escola onde a socialização é uma fragilidade.

Idealizado em 2006 como Clube, no âmbito do projeto de candidatura a Escola TEIP, inicia a sua atividade no ano letivo seguinte. Passaram por ele cerca de 40 crianças/jovens, muito embora com assiduidade irregular. Assim mesmo, 24 deles fizeram apresentações públicas que levaram à divulgação do Projeto, resultado do trabalho rigoroso desenvolvido.

No ano letivo seguinte, as horas destinadas ao Clube foram insuficientes face às solicitações dos estudantes. Numa tentativa de ir ao encontro dos seus interesses, por se entender uma mais-valia no trabalho artístico-musical e reconhecendo-se a ação educativo-artística implícita na formação musical e social, BelaBatuke "invade" parte das aulas de Educação Musical - 6º ano (180 min. semanais).

Têm sido criadas, testadas, (re)adaptadas dinâmicas pedagógicas e organizacionais diversas e feitas inúmeras performances no âmbito escolar e em solicitações externas. BelaBatuke é também objeto de: tese de mestrado – "Educar/Transformar" (IPS-ESE Setúbal); comunicação – metodologias do estudo "Educar/Transformar" no Seminário de Investigação Entre a Teoria, os Dados e o Conhecimento (IPS-ESE Setúbal); comunicação – Encontro Nacional da APEM 2009 – "Projetos Musicais Educativos com Crianças e Jovens" (Fundação Calouste Gulbenkian); comunicações/Workshops – Seminário Mestrado Ensino da Educação Musical no Ensino Básico – "Educação Musical, Culturas e práticas" (IPS-ESE Setúbal – 2011 e 2013); comunicação – "Encontro de Projetos" (Esc. Sec. D. Manuel Martins - Setúbal); artigo na Revista Educação Musical N.º 133 – APEM; momento musical em conferências de imprensa – Lançamento do Festival de Música de Setúbal (2011 e 2012); trabalho de parceria com jovens músicos da Academia de Música Luísa Todi – "Ritmos Comunicantes"; trabalho conjunto entre jovens músicos da Academia de Música Luísa Todi, do Conservatório Regional de Setúbal, músicos e respetivo maestro da Grand Union Orchestra – "Trocando Ritmos, Trocando Canções", no âmbito do Festival de Música de Setúbal.

Sente-se um (des)envolvimento crescente, por parte dos agentes ativos (estudantes e professores) e agentes observadores (comunidade educativa e civil e comunicação social). No entanto, BelaBatuke vive na incerteza da sua continuidade, pois o trabalho do Projeto em sala de aula presentemente é inexistente, consequência da reorganização curricular implementada pelo atual Ministério (aulas de Educação Musical - 6º ano com metade do tempo – 90 min. semanais - destinadas ao cumprimento do Programa de 1991).

A escola perdeu autonomia no que diz respeito à atribuição das horas destinadas às Expressões e BelaBatuke volta a ser unicamente Clube, atribuído a um docente com horário zero sujeito a concurso – BelaBatuke em perigo de extinção!

O que não deixa de ser paradoxal, pois "de olhos postos" em BelaBatuke, para além da APEM e outros marcos na educação e cultura, a quem muito agradeço a divulgação e desafios criados, está também a Fundação Helen Hamlym Trust (instituição de apoio à inclusão social de jovens). Esta acreditou no Projeto e entendeu o seu princípio – ensino da música como contributo para uma educação mais humanizada e integradora, potenciadora do desenvolvimento global do estudante – decidindo fazer doações para a aquisição de instrumentos de percussão. BelaBatuke tem assim a possibilidade de ter nova variante – BelaBatuk'Olodum – no entanto, por tudo o exposto, resta-nos a incerteza da sua continuidade!?

"De olhos postos" deveriam estar os agentes políticos (ir)responsáveis pelas mudanças no sistema educativo português que, na minha opinião, menosprezam a cultura e as artes, não entendendo a sua importância na educação, conseguindo barrar intenções e oportunidades…

BelaBatuke + BelaBatuk'Olodum
continuidade deseja-se!!

o que já se escreveu...

O artigo que este mês propomos para releitura, resulta de uma comunicação apresentada por José Blanc de Portugal realizada em Genebra em Novembro de 1978, no Colóquio Leste-Oeste e intitulada "La Musique: Instrument de dialogue entre l'Est e l'Ouest européen". Colóquio patrocinado pelo Conselho Internacional de Música da UNESCO. Neste artigo, com o título "Tradição e Inovação: O ensino musical a partir do universo sonoro" o autor faz uma reflexão em torno da interligação entre a tradição e a inovação artística e os seus reflexos na educação musical propondo que *"o ensino musical deveria interrogar profundamente o conhecimento do som, do seu universo originado por tudo o que nos rodeia e não por começar por decorar "escalas" que qualquer tradição única, seja qual for, tão rica quanto possa ser, queira nos impor".*

Passados todos estes anos, este texto apresenta-se como uma reflexão interessante sobre as relações entre o que já se conhece e o que ainda está para acontecer e sobre a relação entre ciências e artes no âmbito do ensino de música.

http://www.apem.org.pt/page14/downloads/index.html

Votos de boas férias

A newsletter da APEM vai de férias e retomará a sua periodicidade mensal a partir de Setembro de 2013. Apesar de todas as incertezas e dificuldades, a Direção da APEM faz votos do melhor descanso possível. Contamos convosco a partir de setembro, de modo a que a APEMnewsletter possa continuar a constituir-se como um espaço de partilha, de reflexão e de discussão sobre a educação artística e musical. Nas suas múltiplas formas e valências.

No interior e no exterior da escola. Que possa ser um espaço de encontro de todos e todas para quem a educação artística e musical se afigura um elemento fundamental na criação de uma sociedade mais culta e plural.

Associação Portuguesa de Educação Musical
Rua D. Francisco Manuel de Melo, 36 - 1º Dto. 1070-087 LISBOA

de 2ª a 6ª feira
das 10h às 12.30h e das 14h às 17.30h

Tel. e Fax **213 868 101**
Tm. **917 592 504** / **960 387 244**
apem.educacaomusical@gmail.com

Ficha Técnica
Conceção e edição: **Direção da APEM**
Conceção gráfica: **Henrique Nande** http://storyllustra.blogspot.pt
Colaboram neste número: **António Ângelo Vasconcelos, Ana Venade, Carlos Gomes, Manuela Encarnação, Henrique Piloto, Elsa Mobilha, Isaías Ramos, Paulo Bastos, Pedro Oliveira, Roberto Moritz.**
Contacto: **apem.news@gmail.com**